

MARIA JOÃO HORTAS, JOANA CAMPOS & ALFREDO DIAS

mjhortas@eselx.ipl.pt; jcampos@eselx.ipl.pt; adias@eselx.ipl.pt

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO-INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA, CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO-INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E ESTUDOS DE SOCIOLOGIA / ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO - INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA, CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

MEDIAÇÃO SOCIAL NA FORMAÇÃO DE ANIMADORES SOCIOCULTURAIS: EXPERIÊNCIA DA LICENCIATURA DA ESELx

RESUMO

A complexidade dos processos sociais, culturais e territoriais das sociedades contemporâneas tem colocado desafios que implicam o desenvolvimento de uma intervenção que reconheça e mobilize a mediação social. A mediação social inscreve-se hoje no referencial teórico-metodológico fundamental dos trabalhadores sociais, ancorando-se em diversos modelos de intervenção. A afirmação e desenvolvimento desse referencial, no trabalho levado a cabo pelas instituições formadoras, tem tido um contributo relevante. Nesse sentido, pretende-se com o presente texto contribuir para o aprofundamento do conhecimento e participação na discussão em torno da formação desses profissionais, em concreto a formação dos animadores socioculturais, no que à mediação social diz particular respeito. Analiticamente, considerou-se a licenciatura em Animação Sociocultural da ESELx-IPL, em particular as Unidades Curriculares (UC) do Plano de Estudos que se dedicam centralmente à mediação. Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se em dois planos: um relativo à oferta formativa, procedendo-se à análise das Fichas de Unidade Curricular (FUC) das UC do curso que se ocupam da mediação, procurando identificar o referencial teórico-metodológico proposto, assim como as modalidades de ensino e avaliação; num segundo plano consideraram-se as conceções dos estudantes que frequentaram uma das UC de mediação do curso (Mediação Multicultural em Contextos Educativos). Tecnicamente, procedeu-se à análise dos resultados de dois questionários, um primeiro aplicado no início da UC, para levantamento das conceções dos alunos sobre mediação, e um segundo aplicado na fase final, sobre as conceções de mediação, referências e experiências formativas neste âmbito.

PALAVRAS-CHAVE

Mediação; formação de animadores socioculturais; animação sociocultural

1. INTRODUÇÃO

Tanto na produção científica como nas discussões públicas na atualidade, as sociedades contemporâneas são entendidas como sociedades do conhecimento, da ciência, da indústria e das tecnologias avançadas; sociedades ecologicamente preocupadas, com reconhecimento da diversidade sociocultural e comprometimento com a inclusão social. Em suma, sociedades fundadas nos princípios da igualdade, liberdade e solidariedade, sustentadas em regimes democráticos. Porém, o quotidiano tem sido crescentemente marcado por movimentos e ações, a par de tomadas de decisão política, que atentam contra esses princípios. Assistimos hoje ao recrudescimento dos fanatismos religiosos, de novas formas de racismo, xenofobia e nacionalismos, de outras modalidades de terrorismo e de guerra, ao agravamento da pobreza, do desemprego, das situações de subnutrição e fome, a par de novas circunstâncias de escravatura e exploração de pessoas (Campos, 2015). Porque na atualidade se reforçam e agravam situações promotoras de conflito, dilema e urgência de resposta, torna-se (ainda mais) significativa a necessidade de uma intervenção dos trabalhadores sociais nas diversas esferas socioeconómicas e socioculturais.

Os Animadores Socioculturais inscrevem-se no quadro do que se designa por trabalhadores sociais, cujo perfil se prende fortemente com a intervenção social, cultural e educativa (Campos, 2011). Na definição do seu *métier* profissional encontra-se o compromisso com a democracia, a cidadania e a liberdade (Trilla, 2004; Lopes, 2006; Campos, 2015). Os animadores não podem “passar à margem” dos conflitos, dos dilemas e problemas que afetam os territórios e as comunidades, em diferentes escalas.

Educar *em* e *para* a Cidadania torna prioritário a assunção por parte destes profissionais sobre o que são *efetivamente* as suas responsabilidades cívicas (Caride, 2012), assumindo neste cenário a mediação social uma posição de destaque. Entendemos que os desafios e constrangimentos que as sociedades atuais comportam configuram dificuldades e dilemas profissionais complexos, para os quais não há respostas rápidas, simplificadas ou fáceis (Campos, 2015). Ao mesmo tempo, reclamam-se respostas criativas que desafiam a definição de figuras e dispositivos de mediação (Freire, 2009), facilitadores da comunicação entre partes (Oliveira & Freire, 2009). Por isso, consideramos ser necessário o reconhecimento da mediação social e consequente investimento nos planos de formação destes profissionais. Assumir tal compromisso implica que se garanta que, na formação inicial, a mediação social seja explícita e aprofundadamente trabalhada. Nesse sentido, pretende-se com o presente texto contribuir para o

aprofundamento do conhecimento e participação na discussão em torno da formação desses profissionais, em concreto a formação dos animadores socioculturais, no que à mediação social diz particular respeito.

2. MEDIAÇÃO SOCIAL E FORMAÇÃO EM ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

A mediação social inscreve-se hoje no referencial teórico-metodológico fundamental dos trabalhadores sociais, ancorando-se em modelos de intervenção diversos. A literatura que mobilizamos neste estudo destaca três grandes modelos sustentados teoricamente em paradigmas diversos: a escola tradicional de Harvard que tem como principais autores Fisher e Ury; a escola circular narrativa de Sara Coobs, Marines Soares, Winslade e Monk e a escola transformativa associada a Folguer, Bush e Lederach (Gimenez, 2001; Oliveira & Freire, 2009). A afirmação e desenvolvimento deste referencial tem, no trabalho levado a cabo pelas instituições formadoras de profissionais de mediação, um contributo relevante. É nesta perspetiva que justificamos a entrada da mediação social na formação de animadores socioculturais.

Em resposta aos desafios colocados pela sociedade contemporânea a mediação social tem-se vindo a afirmar como um recurso que procura, de forma organizada, contribuir para o fortalecimento da coesão e laços sociais (Oliveira & Freire, 2009). Numa perspetiva dinâmica das relações humanas, esta assume-se como um processo cooperativo que concorre para o fortalecimento do diálogo e dos laços sociais, valorização positiva do conflito e das diferenças e promoção da participação dos cidadãos na resolução dos seus problemas (Gimenez, 1997).

Giménez (1997, 2001) define a mediação como um sistema alternativo para a gestão pacífica, positiva e participativa da conflitualidade social de forma preventiva e regulada. O autor amplia ainda o conceito, designando-o como *uma modalidade de intervenção de partes terceiras* (Giménez, 2010, p. 67), orientada para a aproximação das partes através da comunicação e compreensão mútuas, a aprendizagem e o desenvolvimento da convivência, a regulação do conflito e a adequação institucional entre atores sociais e institucionais. Neste sentido, a mediação pode funcionar como um instrumento facilitador da comunicação, impulsor da participação social e comunitária, promotor da coesão social e ainda como um instrumento para a adequação institucional, quando nos reportamos à articulação entre instituições e pessoas. Do mediador sociocultural é esperado que seja capaz de dominar técnicas e procedimentos adequados para

organizar, promover, coordenar e facilitar o diálogo entre grupos de pessoas e comunidades em contextos locais, públicos, privados ou de caráter social, no sentido da sua inclusão na sociedade.

A formação de mediadores para responder às intencionalidades e campos de ação da mediação, que temos vindo a identificar, deve assentar em dispositivos que privilegiem um conjunto de princípios próprios que lhe surgem associados: voluntariado, confiança, ajuda das partes, neutralidade, co-protagonismo das partes, negociação e legitimação (Giménez, 2001). Estes princípios permitem sustentar uma ação que se organiza em três grandes domínios da intervenção social: “diagnóstico, planificação e avaliação da intervenção ao nível da animação sócio-cultural; comunicação e diálogo intercultural; gestão e mediação de conflitos” (Oliveira & Freire, 2009, p. 25).

Deste quadro decorre um conjunto de competências para a intervenção profissional, que se pode organizar em três grandes dimensões: o *saber-fazer*, o *saber-como-conhecimento* e o *saber-estar e saber-ser* (Oliveira & Freire, 2009). São estas dimensões de competências que devem ser tidas em conta no desenho dos processos e percursos formativos, que ajudam a estruturar as múltiplas áreas de formação a privilegiar: comunicação interpessoal, reconhecimento da diversidade, gestão de conflitos, ética e deontologia. É o desenvolvimento destas áreas que ajuda a situar a prática profissional que se sustenta na observação e no diagnóstico de situações da realidade social que implicam uma atitude de questionamento, análise e reflexão sobre práticas e contextos de intervenção.

3. MEDIAÇÃO E LICENCIATURA EM ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL DA ESELx

A licenciatura em Animação Sociocultural (ASC) iniciou-se em 2006/07, transitando para o mercado de trabalho os primeiros diplomados em 2008/09. O plano de estudos inicial foi elaborado ao abrigo do Processo de Bolonha, tendo vindo a sofrer algumas alterações pontuais nos últimos anos¹, sendo o mais recente de 2010. Atualmente, o Plano de Estudos encontra-se em reorganização, em resultado dos resultados alcançados no processo de avaliação interna e externa do curso (Vohlgemuth, Martins, Dias & Campos, 2015). No final da trajetória de formação, o diploma da

¹ Licenciatura definida pela Portaria n° 1236/2007 de 21 de Outubro, e posteriormente alterada por Despacho n° 2294/2009 de 16 de Outubro, e mais recentemente pelo Despacho n° 6474/2010.

licenciatura pode certificar os diplomados como animador sociocultural generalista – ramo da Animação Sociocultural, ou em animação sociocultural com aprofundamento num de dois domínios: Mediação Intercultural ou Intervenção em Populações Seniores², implicando no caso dos domínios de especialização que os estudantes frequentem as UC (Unidade Curricular) de mediação do Plano de Estudos (Mediação Multicultural em Contextos Educativo, Mediação e Gestão de Conflitos e Mediação Familiar), assim como desenvolvam no âmbito da iniciação à prática profissional os seus estágios em contextos referentes aos respetivos domínios.

Do ponto de vista científico, o curso sustenta-se nos referenciais centrais da Animação Sociocultural, procurando articular os diferentes tipos de conhecimento que fundam o campo. Inspirado nos níveis de conhecimento de Trilla (2004), a operacionalização desta proposta no plano curricular do curso espelha-se na diversidade de conteúdos e áreas disciplinares.

Curricularmente, a licenciatura em inscreve-se nos princípios do projeto formativo da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx). No documento de apresentação da licenciatura, *Proposta de Criação de Ciclo de Estudos em Animação Sociocultural*, 2006, enuncia-se que o plano de formação apresentado visa a aquisição e desenvolvimento de competências de intervenção em ASC. Para que se atinja tal objectivo desenvolve-se uma perspectiva de trabalho integrada, teórico-prática, profissionalizante e interdisciplinar. Assumem assim centralidade os seguintes princípios de organização curricular: (a) iniciação profissional como eixo agregador da formação e de organização curricular do curso; e a (b) iniciação profissional em contexto, entendida como espaço de intervenção pesquisa e reflexão. Metodologicamente tais objectivos e princípios operacionalizam-se concretamente nas UC dedicadas à iniciação profissional, designadas por PIIP – Projecto Interdisciplinar de Intervenção Profissional.

Apesar das tentativas de definição do perfil do animador sociocultural poderem dar uma imagem de dificuldade em determinar os contornos específicos destes profissionais enquanto agentes sociais, mediadores sociais entre outras possibilidades (Campos, 2011), não deixa também de nos oferecer uma ideia de complementaridade entre as vertentes reflexiva e interventiva dos animadores, e é com esse sentido que se tem vindo a desenvolver a formação destes profissionais na ESELx, concebendo a Animação Sociocultural nesta perspectiva, não só complementar mas, fundamentalmente, integradora do pensar e agir em sociedade (Dias, Campos,

² Os dois tipos de diplomação, generalista ou de aprofundamento, são obtidos em função dos percursos formativos dos formandos, segundo uma matriz de opções.

Vohlgemtuh & Martins, 2015). O perfil dos profissionais diplomados neste curso parte assim do reconhecimento da diversidade e complexidade das problemáticas de intervenção, contextos e públicos, inscrevendo-se na “banda larga” definidora desse perfil.

4. OFERTA FORMATIVA DO CURSO: PRÁTICAS DE FORMAÇÃO E CONCEÇÕES DOS ESTUDANTES

Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se em dois planos. Num primeiro plano, relativo à oferta formativa, desenvolveu-se a análise das Fichas de Unidade Curricular (FUC) das UC do curso que se ocupam mais concretamente da mediação, procurando identificar o referencial teórico-metodológico proposto, assim como as modalidades de ensino e avaliação. Num segundo plano, consideraram-se as conceções dos estudantes, tomando-se para a pesquisa a turma de Mediação Intercultural em Contextos Educativos. Tecnicamente procedeu-se à análise dos resultados de um inquérito por questionário aplicado no início da Unidade Curricular – Questionário sobre Conceções iniciais dos alunos da UC Mediação Intercultural em Contextos Educativos 2015/16 – com levantamento de informação referente às conceções sobre mediação. Na fase de finalização da UC, aplicou-se um segundo inquérito por questionário relativo novamente às conceções sobre mediação, acrescentando-se as experiências formativas realizadas no âmbito da mediação (Inquérito por Questionário sobre Conceções finais dos alunos da UC Mediação Intercultural em Contextos Educativos, 2015/16).

4.1 OFERTA FORMATIVA

No quadro da formação inicial dos animadores socioculturais, as estratégias formativas desenvolvidas no âmbito desta licenciatura centram-se no (futuro) papel dos alunos como técnicos de intervenção no quadro do trabalho social, onde se inclui a mediação. Relativamente aos princípios em que se alicerça essa formação pode ler-se no documento de candidatura da presente coordenação do curso, em 2014, a definição dos seguintes objetivos: “Afirmar a ASC enquanto área de saber e de exercício profissional no campo da intervenção social, cultural e educacional”, na medida em que se reconhece a necessidade de um saber especializado para a intervenção e mediação, em grande medida operacionalizada na sequencialidade das UC de iniciação à prática profissional (IPP) - suportada por um conjunto

de Unidades de aprofundamento (teórico-práticas) organizadas em linhas/ áreas de conhecimento: diversidade e culturas, migrações, mediação, desenvolvimento local e intervenção comunitária e metodologias de intervenção diversificadas. Concomitantemente, e para que haja uma efetiva articulação entre o quadro teórico-metodológico e as práticas profissionais em contexto, outro objetivo que se prende com o “Reforçar a articulação entre o Curso e a comunidade profissional e territorial”, concretizado na relação com a Rede de parceiros diversificada no âmbito da iniciação à prática profissional e de projetos de intervenção social e comunitária, e a Participação dos estagiários da licenciatura no desenvolvimento dos projetos e programas de intervenção nos contextos e instituições.

Em traços gerais, da análise do Plano de Estudos do curso e consulta às FUC desenvolvida em trabalhos anteriores (Freire, Caetano, Hortas, Pinheiro & Antunes, 2016; Vohlgemuth et al., 2015; Dias et al., 2015), pode identificar-se um conjunto diversificado de áreas de formação e intervenção com proximidade à mediação: a mediação em contexto escolar (ENF, comunicação, descoberta participada, diálogo, socialização, reconhecimento, mediação e gestão de conflitos, educação para a cidadania e direitos humanos); mediação em espaços culturais (ENF, promoção dos espaços de cultura, aproximação e integração de novos públicos, aprendizagem, interação e convivência); mediação e intervenção comunitária (desenvolvimento comunitário com promoção do associativismo de base local, intervenção comunitária reforço das redes sociais locais e de afirmação da imagem dos territórios para o exterior); e por fim, integração de populações em situação de exclusão social (integração de refugiados, sem-abrigo, crianças e jovens em risco e institucionalizados).

Das estratégias gerais desenvolvidas no âmbito dos projetos de intervenção em que os estudantes participam, destacam-se no âmbito da formação para a mediação as seguintes: a formação de mediadores escolares e culturais para a mediação entre pares; a animação de recreios escolares; o recurso ao teatro do oprimido; a mobilização da inclusão digital; a organização de “cafés pedagógicos”; a formação de jovens líderes/mediadores comunitários; a realização de diagnósticos participativos; o desenvolvimento de uma intervenção em rede com instituições locais e promoção de parcerias.

Relativamente à oferta formativa analisaram-se as FUC que se ocupam centralmente da mediação: Mediação Multicultural em Contextos Educativos, Mediação Familiar e Mediação e Gestão de Conflitos. As três são, no Plano de Estudos, Unidades Curriculares de Aprofundamento, de carácter opcional, nos 2º e 3º anos do curso.

As UC organizam-se em torno de três eixos fundamentais. O eixo conceptual, com proposta de definição de mediação, mais concretamente os seus princípios, modelos, metodologias, técnicas, instrumentos e programas de intervenção, assim como o perfil do mediador. Um segundo eixo operacional que procura enquadrar e articular a mediação com a animação sociocultural, ocupando-se parte dos conteúdos da análise aprofundada dos domínios específicos de cada Unidade, com particular enfoque nas especificidades dos contextos, públicos e problemáticas de intervenção. Um terceiro eixo metodológico que se prende com as modalidades de ensino, com propostas de desenvolvimento de trabalho em grande e pequeno grupo, com análise e construção de casos de mediação, com recurso a simulação de situações, visionamento de vídeos, entre outros. Igualmente, nas três UC, os alunos são convidados a desenvolver pesquisa em torno das metodologias de mediação, enquadrando-as na animação sociocultural. Por fim, e no que diz respeito à avaliação, verifica-se alguma variação: em duas, os estudantes elaboram um portfolio, com apresentação dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da UC, com reflexão em torno das produções teóricas e práticas; na outra solicita-se igualmente a mobilização das aprendizagens realizadas, mas no formato de resposta presencial a questões.

Por fim, referir que as Unidades de iniciação à prática profissional (IPP I, II e III) constituem-se como palco fundamental para o desenvolvimento da formação no âmbito da mediação, na medida em que, quer nos contextos em que se realizam os estágios, quer nos seminários de orientação e reflexão em torno do processo formativo vivido, a mediação operacionaliza-se e projeta-se na observação e na experiência de intervenção.

4.2 CONCEÇÕES E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DOS ESTUDANTES

A resposta ao desafio de definição de mediação, lançado aos alunos no início da UC, teve como resultado central a afirmação de uma definição generalista, pautada por uma relativa imprecisão e ambiguidade, tanto no que toca às situações, sujeitos, contextos ou técnicas enunciadas.

Parte das definições centra-se nas finalidades da mediação, entendidas como – gestão/negociação de conflitos entre duas partes opostas no sentido de se alcançar uma justa solução.

Serve-se de técnicas que visem tornar um conflito numa situação vantajosa para ambas as partes, pacificamente e de maneira justa (QA2)

Destaca-se ainda que nas respostas dos alunos evidencia-se o reconhecimento da necessidade de uso de técnicas, mas com referências imprecisas e vagas sobre as mesmas.

Mediação é um método utilizado para resolver/lidar com uma situação/conflicto (QA9)

Dos 15 alunos que responderam à inquirição na fase final da UC, cinco tinham frequentado a Unidade de Mediação Familiar e sete Mediação e Gestão de Conflitos. No que diz respeito ao (re)conhecimento e contacto com Práticas de Mediação, 10 dos inquiridos afirmaram ter já observado práticas de mediação e 11 indicaram ter tido experiências em mediação. Os âmbitos dessas observações e experiências são diversos, distribuindo-se entre situações formativas vividas na frequência de algumas Unidades do curso, concretamente as de mediação e outras, como a Ética e Deontologia Profissional; observação e experiências de mediação desenvolvidas no quadro da iniciação à prática profissional, com destaque para os contextos de estágio; trabalho desenvolvido em contextos profissionais, nomeadamente o trabalho com jovens, trabalho em colónias de férias e em programas de intervenção comunitária. Por fim, relativamente às vivências dos alunos, há apenas a registar duas indicações relativas a experiências tidas no quadro de projetos de mediação cuja participação se fez no âmbito de estágios.

A análise sobre as conceções de mediação dos alunos no final da UC revela um relativo avanço face às inicialmente registadas, nomeadamente pela capacidade de melhor explicitação da definição conceptual e uso de terminologia mais adequada e diversificada. Pode afirmar-se que as definições apresentadas compreendem globalmente duas dimensões distintas, mas complementares, a dimensão processual da mediação e a dimensão relativa à intervenção, mais concretamente no que se prende com aspectos técnicos e com o perfil do mediador. As referências à mediação encontradas na fase final da Unidade aproximam-se, sobretudo, ao quadro teórico dos modelos de mediação da escola circular narrativa e da escola transformativa (Oliveira & Freire, 2009), na medida em que perspetivam o conflito como uma oportunidade para intervir no sentido da mudança da realidade sociocultural.

A dimensão processual da mediação aparece associada sobretudo à ideia de *processo de negociação* e *ato de mediar*.

processo de negociação colaborativa que pretende estimular a participação do indivíduo na gestão dos seus conflitos(QB2)

conjunto de processos que tentam a conciliação entre duas partes em desacordo, na base do diálogo (QB6)

acto de mediar, de coordenar assertivamente um conflito (QB7)

Já a dimensão de intervenção evidencia-se por referências tecnicamente fundadas, nomeadamente a métodos de intervenção.

método utilizado pelo mediador com o objectivo de resolver casos de mediação em que haja um problema concreto (QB9)

metodologia de intervenção sociocultural que permite aproximar valores e interesses comuns entre os seus intervenientes com convicções e perspectivas diferentes, pode ser aplicada em diferentes contextos (QB14)

Na subdimensão relativa ao perfil, as referências apontam para um mediador que é *gestor de conflitos, assertivo, imparcial, bom ouvinte, ajuda as diferentes partes*.

mediar é gerir o conflito, ser imparcial, assertivo, saber quando intervir, entre outros (QB3)

o mediador tem que ser imparcial e ajudar os intervenientes a encontrar a forma mais adequada para chegar a um acordo (QB5)

A análise das respostas evidenciou o uso de terminologia mais adequada e que se inscreve, *grosso modo*, no vocabulário comumente utilizado nos textos de referência da área. Entre as ocorrências registadas, destacam-se as seguintes: *processo, procedimento, técnica, ato, medida, negociação, conciliação, estratégias, coordenação de um grupo/pessoas, conflito, partes intervenientes, solução, resolução, consenso*.

Do ponto de vista da definição conceptual pode afirmar-se que se encontra largamente ancorada na ideia de mediação como solução de conflitos, e não na sua prevenção. Em parte, tal conceção pode resultar do facto de no trabalho desenvolvido no âmbito das UC do curso ser (mais) comum a análise de casos em que há conflitos e dilemas, como referido pelos alunos.

Na questão relativa à identificação de metodologias de intervenção em mediação as respostas obtidas situam as referências dos alunos

globalmente aproximadas a estratégias de intervenção, distribuindo-se por subdimensões distintas. Numa primeira dimensão agrupam-se as respostas em que há a identificação das metodologias de intervenção a técnicas de intervenção nomeadas, como: *dinâmica de grupos, metodologias participativas e colaborativas, Teatro do Oprimido, atividades de rôle play, recurso a histórias e narrativas*. Uma segunda com associação a etapas de intervenção, *diagnóstico*. Numa terceira as referências a estratégias de intervenção / procedimentos, como: *conseguir fazer cumprir as regras de funcionamento, aproveitar as sugestões de resolução, adequação do vocabulário, gestão da informação, fazer gestão do conflito e manutenção da ordem*.

Outro grupo de respostas aproxima as metodologias de intervenção a um conjunto de competências profissionais, distinguindo-se entre as competências definidoras do perfil do mediador, como *assertividade, imparcialidade, confidencialidade, neutralidade*, e as competências associadas aos aspectos técnicos, como *comunicação, aceitação, compreensão, confrontação*.

5. NOTAS FINAIS

Analicamente, os resultados sobre a oferta formativa evidenciam uma elevada proximidade das propostas formativas das três Unidades Curriculares de mediação da licenciatura, nomeadamente a estrutura curricular, assente em três eixos (conceptual, operacional e metodológico). O cruzamento dos resultados apurados sobre as UC e as conceções e experiências formativas vividas pelos estudantes e lidas nas respostas, permitem concluir sobre: (i) a importância das estratégias ancoradas em metodologias participativas, expressas na análise e discussão de casos; (ii) a coincidência entre oferta formativa e mobilização dos referenciais teóricos. Neste âmbito, o enquadramento da formação nos referenciais gerais da mediação social e do profissional reflexivo assume relevância, que é expressa, também, nos exemplos dados nas questões sobre observação e experiências vividas no âmbito da mediação. Contudo, parece haver necessidade de reforço da formação no plano conceptual, assim como uma melhor distinção entre métodos, técnicas e instrumentos de mediação. Reforçou-se, deste modo, a importância estratégica de uma formação sustentada numa iniciação à prática profissional em contexto, em articulação com o desenvolvimento de quadros teórico-metodológicos adequados, de que são exemplo as referências ao perfil de animadores socioculturais na vertente de mediador, comum às três FUC e expresso nas respostas dos estudantes.

Uma nota final sobre a relevância e pertinência do desenvolvimento de processos analíticos do tipo que se apresenta, no sentido de: melhor adequar os dispositivos de formação; conhecer mais aprofundadamente as propostas de formação da licenciatura/instituições de formação de profissionais (do trabalho social) e; participar na discussão mais alargada em torno destas questões, contribuindo deste modo para o reforço da importância da mediação no quadro do trabalho social.

REFERÊNCIAS

- Campos, J. (2011). Profissionalização da ASC: (novos) elementos contribuintes para o reconhecimento e definição da profissão ao nível nacional e internacional. In J. D. Pereira & M. S. Lopes (coords.), *As Fronteiras da Animação Sociocultural* (pp. 313-327). Chaves: Intervenção.
- Dias, A.; Campos, J.; Vohlgemuth, L. & Martins, C. (2015). Educação para o Desenvolvimento e a Formação em ASC na ESE de Lisboa. In A. Costa & C. Costa (Coords.), *A Caminho... Animação Sociocultural, Cooperação, Desenvolvimento e Educação para a Diferença...* (pp. 179-203). Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais e Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural.
- Campos, J. (2015). Animadores Socioculturais e Animação Sociocultural: desafios e dilemas profissionais nas sociedades contemporâneas. In J. D. Pereira; M. S. Lopes & M. Maciel (Coords.), *O Animador Sociocultural no Século XXI - perfil, funções, âmbitos, metodologias, modelos de formação e projetos de intervenção* (pp 125-132).
- Caride Gomez, J. A. (2012). Educar na cidadania: uma tarefa quotidiana para a construção democrática das comunidades. In C. Cebolo; J. D. Lima & M. S. Lopes (Coords.), *Animação Sociocultural. Intervenção e Educação Comunitária: Democracia, Cidadania e Participação* (pp 51-60). Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Freire, I. (2009). Mediação e formação: em busca de novas profissionalidades e de novos perfis profissionais. In A. M. Silva & M. A. Moreira (Orgs.), *Formação e Mediação Sócio-Educativa* (pp 41-46). Porto: Areal Editores.
- Freire, I; Caetano, A. P.; Hortas, M. J.; Pinheiro, M. R & Antunes, S. (2016). Educação e mediação intercultural: experiências e práticas de formação e investigação. I Jornadas RESMI *Entre iguais e diferentes – a mediação intercultural*. Lisboa: Alto Comossariado para as Migrações (no prelo).
- Gimenez, C. (1997). La naturaleza de la mediación intercultural. *Revista de Migraciones*, 2, 125-159.

- Gimenez, C. (2001). Modelos de mediación intercultural. *Revista Migraciones*, 10.
- Gimenez, C. (2010). *Interculturalidade e mediação*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Lopes, M. S. (2006). *Animação sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção- Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Oliveira, A. & Freire, I. (2009). *Sobre... A mediação sócio-cultural*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Trilla, J. (2004). Conceito, exame e universo da animação sociocultural. In J. Trilla (Coord.), *Animação sociocultural – teorias, programas e âmbitos* (pp. 9-44). Lisboa: Instituto Piaget.
- Vohlgemuth, L.; Campos, J.; Dias, A. & Martins, C. (2013). Formation des animateurs socioculturels: discours idéologiques et pratiques. In J-L. Richelle, S. Rubi, J-M. Ziegelmeyer (Eds.), *L'Animation Socioculturelle, quels rapports au politique?* (pp. 131-144) Bordeaux: Carriers Sociales Editons.
- Vohlgemuth, L.; Dias, A.; Martins, C. & Campos, J. (2015). Educação artística e formação em ASC na ESELx. In *Atas VII Encontro do Cied – II Encontro Internacional, Estética e arte em educação*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa (no prelo).
- Vohlgemuth, L.; Martins, C.; Dias, A. & Campos, J. (2015). Avaliação da Licenciatura em Animação Sociocultural (ESELx) – reflexões sobre o compromisso com uma avaliação participative. Atas do XXII Colóquio AFIRSE Portugal, *Diversidade e Complexidade da Avaliação em Educação e Formação. Contributos da Investigação*. AFIRSE (no prelo).